

EMBLEMAS DO DESPOJAMENTO NA POESIA DE H. KOLODY

(*Infinito presente*, Curitiba, 1980)

Ao comentar o último livro de Helena Kolody, (*Tempo*, 1970), vimos na captação da instantaneidade a estrutura formal básica da apreensão poética; agora aparece **Infinito presente**, nova obra onde se acentua, já a partir do título, a dimensão temporal como forma característica e dominante da cosmovisão kolodyana. Do tempo-instante ao tempo-eternidade ("O tempo é mar que se alarga/num infinito presente"), o livro de 1980 marca a continuidade ascendente da perspectiva vital, espiritual e artística de H. Kolody.

No mesmo comentário citava-se o poema *Penumbra* como chave emblemática e premonitória do estadió espiritual que o livro íntegro marcava na trajetória criativa da autora:

Já se aprofundam as raízes
no repouso do silêncio.
Cresce o musgo nas fundas cicatrizes.
Levita a fronde.
Na penumbra dos ramos,
tímido pássaro
inicia um canto de eternidade.

Da mesma maneira, **Infinito presente** possui seu poema emblemático (cf. a etimologia do termo emblema: "o tudo está numa só coisa", e sua significação pelo Dicionário de términos filológicos, de Carreter: "desenho simbólico com uma legenda em forma de sentença") prefiguração do livro e autodefinição da atitude espiritual que representa no itinerário do aprofundamento poético: é último, que inclusive inspira a composição visual da capa:

Vôo solitário
na fímbria da noite
em busca do pouso distante.

(**Último**)

Aproximando ambos poemas-clave, é surpreendente notar que eles se correspondem, a dez anos de distância, na continuidade da objetivação figurativa e na alusão que o símbolo refere: o "tímido

pássaro" sustentado pela fronde levitante, que iniciava em Penumbra o canto de eternidade, levanta agora o vôo e ganha a altura veriginosa donde pode apreender em abstrata visão circular o Cosmos e sua Humanidade. Aqui o símbolo não é mera função estetizante, mas torna-se o "profundo abismo de intuição estelar, vértice mais alto da criação artística, e ao mesmo tempo seu veio mais subterrâneo", no dizer de Baruzzi. E o aludido processo de reiteração simbólica, puramente intuitivo, junguianamente espontâneo, só vem reafirmar a gênese exemplar das imagens interiores da autora, isto é, a autenticidade sempre renovada de seu ser poético.

A fase do vôo: assim pode qualificar-se este alargamento ascendente do eu lírico, que deixando para trás as imagens sensitivas do mundo, torna-se o descifrador de correspondências nas "florestas de símbolos" baudelairianas, que compõem nosso universo perceptível, tal qual os kolodyanos olhos que "verão além do aparente/em dimensão diferente" (Nova dimensão). Este é o "itinerário do conhecer", o desvendamento que sua palavra traz, num ato de inocência, acentuadamente nos últimos poemas do livro, provando que uma oculta ordem orienta a sucessividade total da obra.

E o poeta chega à visão; o poeta vidente vê o humano viver, "fagulha" sorvida pela eternidade:

Fagulhas dentro da noite
resplandecem um momento
e logo desaparecem.

Partindo, como o filósofo, do eu em introspeção, "porto" seguro, pois dos outros nunca conhece os "ignorados subterrâneos" ("Parte do porto / do próprio ser / o itinerário / do conhecer"), a inspeção do Ser detém-se nos lampejos de inexplicáveis estados de alma, "lacunas invisíveis" do eu, (lacuna), nas sensações sutís, só música ("O rio sonoro invade as veias"). Vê a morte, parca, parteira emboscada ou jaguar no rasto da presa, abismo ou libertação para aquele vôo definitivo do "mergulho na verdade", estranhamente semelhante ao que é dado ao poeta em vida ("E só a morte nos liberta").

Ve, das cidades humanas, a concreção de cimento, mas desvenda-lhes a circulação invisível de mar abstrato, surrealista alegoria de algas e peixes de sonho, como no poema **Interferência**, que lembra o interseccionismo de alguns poemas pessoais:

Um mar abstrato circula
sua alegoria de algas,
seus claros peixes oníricos
no rígido aglomerado
de cortiços verticais.

O poeta visionário toma consciência, de seu fazer poético, e em evolução paralela à do místico, conclui no fascínio vertiginoso do silêncio:

.....
Espelho do intransitivo
sòmente o silêncio
reflete o indizível
(Elogio do silêncio).

Mas é a experiência da dor a marca necessária da suprema vidência:

O sofrimento burila,
a própria argila pensante
muda a maneira de ser.

A "dor de aprender" atinge nesta obra, a fase pungente da abstração, pois todo acesso à verdade é para o poeta, transe de dor; apaga-se o mundo exterior e pela dor se faz a descoberta da luz no âmago do Absoluto,

Nada retém as mãos de cinza
do que avidamente guardavam.
Dissolve-se na treva
a imagem do espelho.
Permanece a chama
luz integrada na luz
num infinito presente
(Cinza e chama).

Sob o fundo incolor desta pureza mental, o poeta vidente não tarda em descobrir a luz abstrata, tão intensa agora, "no interior da morada", que "nem palidece as estrelas":

O bilho da lâmpada
no interior da morada
empalidece as estrelas.
(Luz interior).

Mas como se inscreve toda esta ascese vital, transmutada em

matéria poética, na face estilística da obra? Utilizando aquele verbo descarnado e denso que em **Tempo** já remetia à essencialidade do silêncio, o despojamento aqui se faz de sensação à abstração. Abolido o descritivo, anulado o mundo exterior, que os sentidos e as sensações reconhecem e sondam, o mundo da natureza, surge o estilo da abstração simbólica: tudo vale pelo desciframento, como no poema *Evolução*,

Caem as folhas de repente
brotam outras pelos ramos
murcham flores, surgem pomos
e a planta volta à semente.
Assim somos. Sutilmente
diferimos do que fomos.

.....

tudo remete ao transcendente, um transcender humanizado que pode integrar-se o "clarão de beleza" da graça adolescente, ou a "presença quase ausente" do extremo final da vida.

A técnica interseccionista, na captação de dois tempos simultâneos acima mencionada, é mais um procedimento pelo qual é operada a passagem da sensação à abstração:

Explode a vida numerosa,
a morte ceifa, o mal se atreve,
brota o amor, irrompe a greve
nesse intervalo passageiro
em que na rua rumorosa
muda de cor o sinaleiro.

(Pletora)

A poética do despojamento essencial na fase do vôo, na ascese espiritual e na técnica da expressão é fixada na emblemática solidão da ave, renunciada ao anoitecer, na "fímbria da noite", quando se extinguem ao redor seres e objetos, solidão onde em vida "anoitecemos enluarados de ausência".

E o "pouso distante" do emblema? Nada é dito dele, envolto na impenetrabilidade do Mistério que "amedronta e fascina". Mas a faculdade intuitiva do poeta vidente também o projeta na gravitante simbolização do despojamento definitivo e total, a ponto de exprimir-se no vasto arquétipo místico da oposição sombra-luz: no poema precisamente intitulado "Luz e sombra".

Derrotadas
terra e treva,
reina a luz eternamente.

É ilícito ao crítico vaticinar sobre a imprevisível unicidade da criação? Não o será, entretanto, ao leitor atento que presente já o verbo transparente vindo **Do pouso distante**, nos futuros (e próximos, espera-se) versos de Helena Kolody.